



AURORA
GALERIA

Preview

Trilha da Mata
Luiza Gottschalk

Trilha da Mata

Luiza Gottschalk

25 MAR — 29 ABR 2023

TEXTO CRÍTICO DE ANGÉLICA DE MORAES
ENTREVISTA COM CHARLES WATSON



AURA GALERIA

RUA DA CONSOLAÇÃO, 2767
JARDINS, SÃO PAULO/SP

SEG A SEX DAS 10H ÀS 19H
SÁB DAS 10H ÀS 17H

Água Viva

Há um perigo na temática memorialística: ficar na celebração rasa de um passado ideal, reflexo de uma visão de mundo coesa, quase asfixiante em sua imobilidade sólida. Algo que simula o real mas é a casca do que deveria ser polpa e semente. A áspera contemporaneidade que nos coube viver já não nos permite essas ingenuidades. Presenciamos a falência das certezas pétreas.

Então por quê a pintura produzida por Luiza Gottschalk nos toca tão de perto? Porque a pintora, ao focar o memorialismo, elege mergulhar na correnteza mítica apontada por Heráclito como metáfora da vida: o rio, que é sempre ele e sempre outro. Tempo do agora e que Zygmunt Bauman denomina de “modernidade líquida”. Segundo ele, “em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa”¹ (1).

Olga Tokarczuk (Nobel de Literatura 2018), ao refletir sobre a criação artística, afirma que a dicção própria da identidade autoral resulta de “um fluxo de sensações que se acumulam na armação caótica do nosso temperamento e das características psicológicas fundamentais, como detritos em um ramo submerso na corrente de um rio”² (2). São conversas entre o Eu e o Outro, em diálogos de “potencialidade infinita”. É exatamente aí que habita a poética a infundir qualidade e força à pintura de Gottschalk. Ela aborda com frescor a tradição longeva da pintura de paisagem para cartografar impermanências do agora.

O motor dessa série de pinturas está nas cores que fluem, escorrem, respingam e empoçam naturezas sinuosas e translúcidas em grandes áreas das telas, em construções abstratas hibridizadas com figuração e entremeadas por densos fragmentos em tinta a óleo. São técnicas, materiais e linguagens geralmente estanques postos em convívio.

Gottschalk adiciona muita água a pigmentos minerais, fazendo-os viajarem pela superfície de tecidos encharcados, demarcando trajetos de cores em emaranhados de panos de trama muito aberta, que transmitem suas epidermes coloridas para a tela colocada logo abaixo deles. A fluidez das cores traz as melhores qualidades da aquarela para a pintura. A luz transborda do fundo, assim como ocorre com o branco do papel na aquarela. Mas há então outro hibridismo: os panos funcionam como matrizes de “impressão” em negativo, que ocorre quando a tinta fica seca e os tecidos são retirados, deixando na tela rastros e fragmentos de cor por onde a água passou. Epidermes que se tornam núcleos gráficos para ancorar novas camadas de acontecimentos na composição.

A artista impregna as telas da memória aquosa das florestas, das artérias de seiva que fazem a enervação das folhas. Um mundo orgânico trazido do convívio com os mínimos fatos da vegetação olhada de muito perto, na rugosidade dos troncos e nas muitas cores dos líquens e dos musgos. Em consonância com a fragmentação do olhar que temos para o agora.

Por vezes, em nítido registro fauve, as cores intensas ganham protagonismo que jamais caem no excesso. É vivacidade pura, nutrida por conhecimento colorista que destaca a artista com nitidez na produção pictórica atual, muitas vezes carente dessa sutil qualidade. É obra que não trafega por categorias fixas e seguras. Ao contrário. Ela se inscreve no que

1. BAUMAN, Zygmunt. “Modernidade Líquida”, 2001.

2. TOKARCZUK, Olga. “Escrever é muito perigoso”, 2023

Félix Guattari denomina de "caosmose"³ (3) É pintura de subjetividades que obedecem a percepções cognitivas posicionadas por afetos, memórias e percepções pessoais que, paradoxalmente, são capazes de tomar o pulso do nosso momento e conversar conosco. Exato nesse momento de agora, atomizado de contingências.

A paisagem dita natural, seja ela mesma ou seu suposto reflexo, é construção arbitrária. Assim como a memória. Ao assumir o arbítrio da invenção, Gottschalk rompe o impasse da representação e nos coloca diante do encantamento, do sonho e da imaginação compartilhada. Sobre põe recortes de tempo e espaço, colagens pictóricas que se ajustam por fragmentos e se constroem e reconstroem como caleidoscópio (ou binóculo) que nos vê e faz ver.

As paisagens inventadas desta exposição obtêm uma síntese rara de processos e linguagens da pintura, gravura e desenho. Deste último, como não notar o traço preciso e sintético que, no meio de ambíguas formas abstratas, inscreve um pássaro e até mesmo uma sugestão de autorretrato da artista quando criança? Uma criança que observa aves. Há algo mais impermanente e ao mesmo tempo tão ancestral quanto o atrevido desafio às alturas? É preciso ter envergadura de asa. A pintura de Gottschalk sem dúvida tem.

Angélica de Moraes

Março de 2023.

3. GUATTARI, Félix. "Caosmose: um novo paradigma estético", 2006

Plantando Bananeira

Entrevista com Charles Watson

"Essa entrevista não é sobre mim,"

Há cerca de três anos participo de um grupo de estudos e acompanhamento de processos criativos com o educador Charles Watson.

De dentro pra fora, de fora pra dentro...

Por diversos momentos, tenho a sensação de estar plantando bananeira. Sinto-me de cabeça para baixo, pés soltos ao vento. Eu planto bananeiras. Também literalmente. Muda-Banana germina terra adentro, de ponta-cabeça.

Propus ao Charles Watson que fizéssemos uma entrevista. Porém, em vez de ele me entrevistar, eu o faria, em uma espécie de triangulação ou inversão:

Eu-Pintura-Ele.

Desse encontro podem nascer coisas improváveis, improvisos talvez.

Charles tem dúvidas sobre o quanto eu improviso de fato no ateliê.

"Você sabe muito bem o que você está fazendo. A Pintura é competente, mas isso não é um elogio. Você sabe muito bem o que fazer com a tinta. Você sabe pintar, você sabe olhar pra pintura. A gente sabe fazer muitas coisas. É importante saber pintar, mas tem outros fatores. Tem certas soluções que você repete que funcionam. Estilo é mais para quem está olhando e quer reconhecer algo. O artista deve fazer o oposto. Você está tranquila com a tinta.

Vamos exercitar.

Quero te ver perdida, ver você indo para lugares desconfortáveis. A criatividade nos exige o tempo todo que a gente abra mão daquilo que já conhecemos para desbravar lugares inexplorados. É sobre estar em movimento."

Passamos quase três horas discutindo sobre o acaso na minha pintura. Eu tentei até desistir, contar pra ele que eu nunca sei o que estou fazendo.

"Vc esta dirigindo numa estrada e esta perdida, não sabe pra onde esta indo? Duvido!!!"

"Eu não sei pra onde estou indo, mas sei de onde parti, posso voltar quando quiser, por isso não me sinto perdida. Estou em busca. Em busca das trilhas."

Quando criança eu morava dentro de uma Mata. Minha brincadeira preferida era a de abrir trilhas com as mãos e um facão. A luz do sol entra por entre as folhagens úmidas na Serra da Mantiqueira, enaltecendo as cores e texturas da floresta.

"Eu queria saber se eu não tava mentindo pra mim mesma."

"A gente mente pra gente o tempo todo. O que você quer dizer com de verdade?"

"Não se preocupe se está comunicando ou não, preste atenção na coisa em si. Se você estiver no lugar certo, isso será um desdobramento, sempre é. Pessoas criativas não tentam ser criativas."

CW sobre Joni Mitchell:

"Muitos diziam pra ela não ir pra esse caminho, é perigoso Joni. Vulnerabilidade demasiada, mas o que faz dela um gênio é como ela codifica o que sentiu na vida em sua música. Ela ter sentido apenas, não a faz escrever as canções. Ela sabe não ir longe demais. Ela deixa espaço para o outro entrar."

"Trilhas abertas."

"É espaço pra pessoa sentir, não está tudo dito."

Ah.... Eu esqueci de contar!!! Nesses quase três anos, Charles nunca tinha visto meus trabalhos pessoalmente. Nossos encontros semanais ocorrem por zoom. Ele, no Rio de Janeiro, eu, em São Paulo. Fiquei à espreita quando ele entrou na Toca - meu ateliê. Queria registrar no peito o primeiríssimo olhar.

"Ver o seu trabalho pela primeira vez foi surpreendente. Eu achei melhor do que eu imaginava."

Ri. Eu tinha certeza, daquelas certezas de dar medo, sabe? Ri novamente contando isso pra ele.

"Essas duas pinturas puxam para lugares muito diferentes. Na primeira, há espaço, são quase 4 metros de pintura resolvidos com pouquíssimos elementos. Precisa como caligrafia. Já na segunda, há camada em cima de camadas. Muita tinta e formas estruturadas. São pinturas boas em direções bem diferentes. Fico surpreso com a sua capacidade de lidar com o espaço, imagino que venha da sua intimidade com o teatro."

Na floresta sentimos o corpo todo ativado, 360°. A atmosfera é tão mágica tanto quanto misteriosa. Com sentidos aguçados ouvimos melhor, sentimos o mergulho. Às vezes, pode

ser profundo e perigoso. A força da natureza te domina e te faz parte dela de forma orgânica. A relação entre o seu corpo e o corpo da natureza é de um-para-um, em grande escala. Na Mantiqueira – montanhas que choram, na língua tupi-guarani –, a água é abundante e pura, transparente; pode-se beber de cada riacho e ela tem um gosto forte, cheia de ferro com tom alaranjado. A água brota de muitos lugares, sendo possível encontrar pequenos escorrimentos jorrando a partir de fissuras nas pedras e fazendo seu curso fluir até alguma umidade maior. É um lugar especial, pouco habitado e quase virgem, inocente. Sincero. É de lá que vim. Lá eu me criei.

“A primeira sensação foi de surpresa. Por que eu senti em poucos segundos que o trabalho é melhor do que eu tinha imaginado, porque eu só tinha visto em tela de computador. Nem sempre é assim.... Muitas vezes, ver o trabalho pessoalmente é decepcionante. Eu senti também alívio. Ela não está patinando, atolando como um carro na lama, pensei. Ela tem a habilidade em baixo do braço. Agora vamos ver para onde tudo isso pode ir.”

Rimos juntos.

“O que você quer com a sua pintura? Na sua mais fértil imaginação?”

“Eu queria ver alguém chorando perante um quadro meu..”

Leve sorriso

“Pintura não tem emoção. Pintura tem tinta. Haja destreza como pintor para isso.”

“Eu chamo estar perdida de ‘em busca de’”

“Eu também.”

Deixe que os eventos te mudem. Você deve estar disposto a crescer. O crescimento é diferente de algo que acontece com você. Você o produz. Você o vive. Os pré-requisitos para o crescimento são: a abertura para vivenciar eventos e a disposição para ser modificado por eles.

Bruce Mau¹.

“Essa entrevista não é sobre mim.”²

“Não mesmo. É entre. É sobre nós”.

Luiza Gottschalk,

1. texto de slide que eu printei em um dos encontros no grupo de acompanhamento com o Charles.

2. As aspas foram usadas como códigos poéticos ou falas teatrais – são partes recolhidas da entrevista de L.G. e C.W. A conversa aconteceu durante sete horas divididas entre os dias 16 e 17/03/23, na Toca - ateliê de Luiza Gottschalk em São Paulo.



Guardiã do Eclipse, 2022
Óleo e acrílica s/compensado
160X120 cm

R\$51.900,00



Trilha do Canto, 2023
Óleo e acrílica s/tela
153X187 cm

R\$46.400,00



O grande Pássaro, 2023
Óleo e acrílica s/tela
256X202 cm

R\$62.500,00



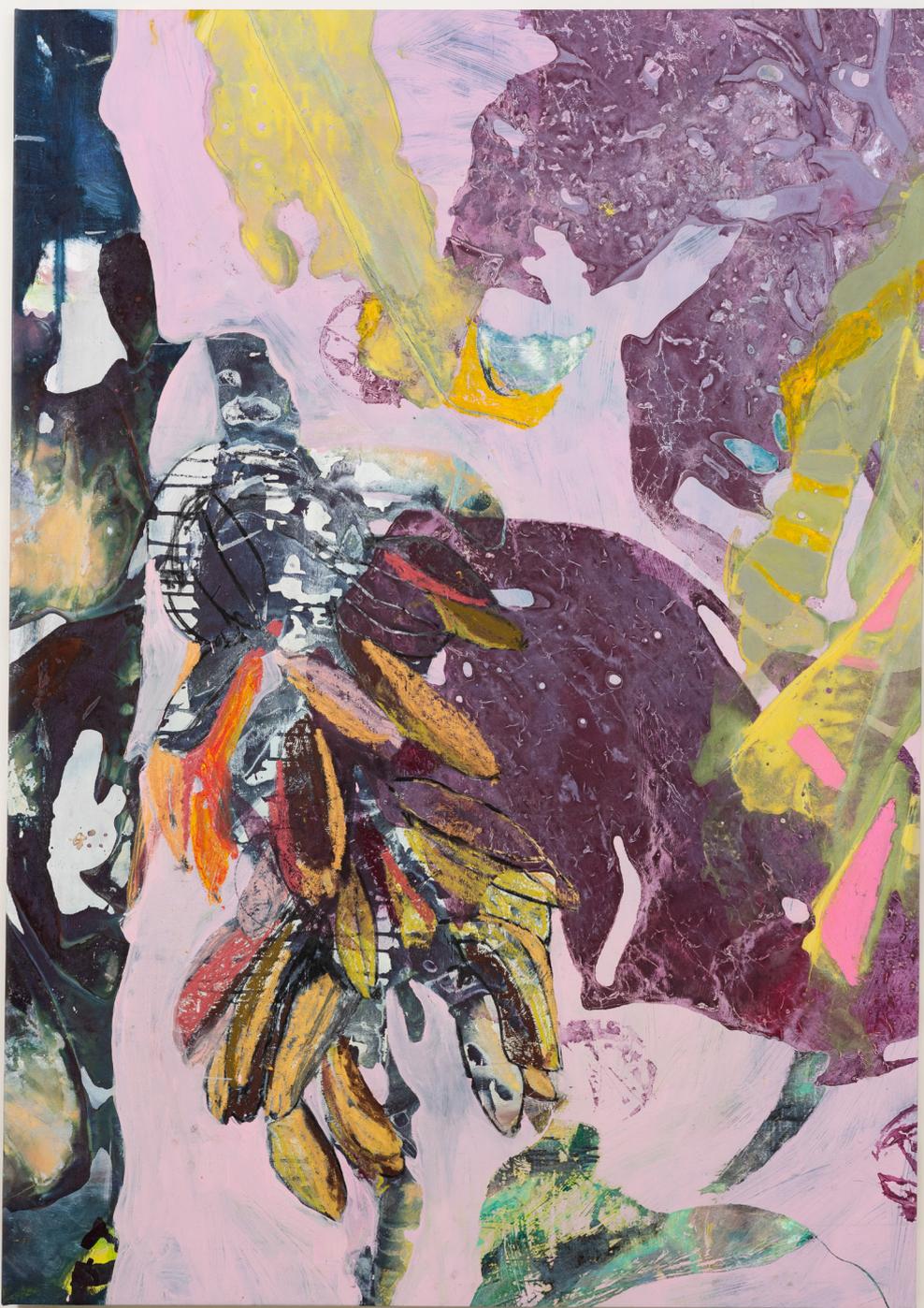
Em busca da trilha ou A aviadora, 2023
Óleo e acrílica s/tela
180X180 cm

R\$49.100,00



Jardim das Alcachofras, 2022
acrílica e óleo sobre tela
73X100 cm

R\$24.000,00



Cacho no Charco, 2023
oleo e acrílica s/ tela
137X96 cm

R\$31.800,00



Trilha das Bromélias, 2021
Óleo e acrílica s/compensado
250X160 cm

Reservado



Guerreiro Guardião, 2022
Óleo e acrílica s/ Tela
180X180 cm

R\$49.100,00



Trilha do Charco, 2022
Óleo e acrílica s/ Tela
180X147 cm

R\$44.600,00



Rastro das Pedras Douradas, 2021
Óleo e acrílica s/Tela
120X120 cm

R\$32.700,00



Trilha da Cascata, 2021
Óleo e acrílica s/compensado
220X160 cm

R\$51.900,00



Passeio no Bosque, 2021
Óleo e acrílica s/Tela
200X130 cm

R\$45.000,00



Luiza Gottschalk

Serra da Mantiqueira/SP, 1984. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Natureza e visceralidade são atribuições que podem ser conferidas à pintura de Luiza Gottschalk. Trouxe da mata da Serra da Mantiqueira, onde morou até os nove anos de idade, o olhar para a paisagem de maneira singular, retratando de forma orgânica a atmosfera dessa mata fechada com tons ficcionais. Luiza diz que a primeira pintura que viu na vida foram os líquens das árvores do bosque vermelho. Hoje, a cor é o que norteia o trabalho da pintora, que desenvolveu uma técnica única misturando tecidos, água, pigmentos e tinta óleo. Nessa técnica, o acaso é tratado como habilidade na maneira que Luiza organiza os caminhos das águas coloridas, tingindo a tela e compondo com a tinta a óleo. Antes da pintura, Luiza teve vasta experiência nas artes cênicas, por dez anos desenvolveu pesquisas envolvendo o teatro, a dança, o cinema e a instalação junto a Cia de teatro Os Satyros, onde trabalhou como diretora, atriz, cenógrafa e produtora. Da experiência com o teatro, Luiza traz procedimentos em relação à interdisciplinaridade das linguagens e a relação com o público.

Graduada em Artes Cênicas pelo teatro-escola Célia Helena (2001), em artes Plásticas pela FAAP (2014) e pós-graduada em Artes Visuais pela FAAP (2018), Luiza Ganhou os 46º e 47º prêmios da anual de artes no Museu de Arte Brasileira MAB. Entre suas exposições, destaca-se as individuais *Clareira*, com curadoria de Denise Mattar no Museu da República, em Brasília - 2022. *Ensaio Aberto* (Praça das artes, São Paulo, 2019 - curadoria Ana Paula Cohen) e *Acidente* (Estação Satyros, Praça Roosevelt, São Paulo, 2016 - curadoria de Lucas Pexão). Também se destacam as coletivas *Artists at Work* (ISCP-NY, Nova Iorque, 2020), *Unidos da Barra funda* (Olhão, São Paulo, 2018). Participou das residências artísticas ISCP-NY em Nova Iorque/2020, *Atelier do centro* em São Paulo/ 2017, *Siena art Institute* em Siena, Itália / 2016 e *Agora Collective* em Berlim/ 2012.



Sobre a Aura Galeria

Atuante no mercado de arte desde 2015, a Aura foi criada como uma plataforma online de mapeamento de artistas emergentes. Em 2017, fixou sede em São Paulo, passando a atuar como uma galeria de arte em moldes tradicionais.

É o ano de 2022, entretanto, que marca um redirecionamento completo de seu percurso e atuação no sistema da arte. Desde abril daquele ano, a Aura conta no comando de sua operação com Edoardo Biancheri e Nei Vargas da Rosa, ambos a frente de mudanças no grupo de artistas representados, na equipe, na marca, no endereço, na política de funcionamento e tantas outras questões que envolvem o projeto de uma jovem galeria.

Ainda em 2022, nosso novo espaço físico foi inaugurado no mês de outubro, no bairro dos Jardins, próximo a importantes agentes do campo da arte contemporânea, museus e centros culturais. No cerne e razão da Galeria está um grupo de artistas de diferentes regiões do Brasil, e do exterior, que reúne linguagens variadas com propostas capazes de dar soluções de excepcional qualidade a questões conceituais, afinadas ao debate contemporâneo das artes visuais.

A ideia de uma representação que pudesse trazer pesquisas poéticas de outras geografias foi um objetivo rapidamente incorporado no início da reformulação. Nesse sentido, é esse grupo de artistas que possibilita à Aura assumir o desenvolvimento do colecionismo de arte contemporânea como principal eixo norteador do posicionamento institucional e mercadológico de seus artistas nas escalas nacional e internacional.



Aura Galeria

info@aura.art.br

+55 11 3034-3825

aura.art.br

Siga a Aura

 @aura.galeria

 Aura Galeria

 Aura Galeria